



ANEXO

Tráfico de pessoas e escravaturas do nosso século, à luz da luta de S. Daniel Comboni contra o tráfico de escravos do seu tempo

O texto que publicamos é uma reflexão que o P. Pe Manuel Augusto L. Ferreira apresentou na paróquia de S. Isabel, Lisboa, a 16/10/2013, no contexto da semana de animação missionária de preparação para o Dia Mundial Missionário.

Pergunto-me que sentido pode ter evocar a canonização de um cristão, no nosso caso de um missionário, Daniel Comboni... e escolher falar das escravaturas do nosso tempo. Penso que uma resposta poderia ser: unir três aspectos, três dimensões da nossa vida cristã que, por vezes, correm o risco de se desentenderem entre elas: Igreja, Missão e Santidade... e relacioná-los com o empenho da libertação e da transformação social e cultural.

É um desafio manter unidos Igreja e Missão: por vezes corremos o risco de fazermos missão sem Igreja, centrados em nós como se fossemos protagonistas, e esquecendo que a Igreja que nos envia está na origem da missão, e que está também no fim, na finalidade da missão que é convocar as pessoas, fazer *ecclesia*, colocá-las em caminho de transformação, em expectativa do reino de Deus.

É um desafio unir missão e santidade. A ideia de santo e santidade, no nosso imaginário, não anda imediatamente unida à de missão. Quando pensamos em santo ou santidade não pensamos logo em missão... E quando pensamos em missão e missionários pensamos em heróis, em pessoas fora dos esquemas habituais, sim extraordinárias, generosas e altruístas, mas que não nos fazem pensar em santidade cristã...

Ora, o Papa João Paulo II começou a questionar este nosso imaginário e a lembrar-nos que o “o verdadeiro missionário é o santo” e que o “só o santo é o verdadeiramente missionário”... Não se trata de fazermos trocadilhos de palavras, mas de olharmos para as coisas de maneira diferente e de colocarmos a missão no coração de todas as formas de sequela de Cristo e de colocarmos a santidade no âmago da missão como exigência, primeira e mais alta, de autenticidade cristã.

Por fim, é um desafio ainda maior unir e relacionar missão e santidade com o combate às escravaturas, com a luta pela libertação e transformação das pessoas. O mundo das escravaturas, do comércio de pessoas, da prostituição e da exploração das pessoas foi sempre um mundo sujo, impiedoso, um mundo de injustiça muito afastado do que nós pensamos quando pensamos em santidade...um mundo pouco atractivo. Enfrentar este mundo é arriscado, para trabalhar nele é preciso estar disposto a sujar as mãos, em entrar em relações que revoltam e estão longe dos ideais cristãos. A beleza que associamos à santidade, não anda por estes caminhos, nem mora nestes antros de desumanidade. Ao canonizar pessoas que viveram e trabalharam expostas a estes

contextos, a Igreja diz-nos que a luta contra as escravaturas é caminho de santidade também e sobretudo nos nossos dias, que o ar destes meandros é bom para a santidade, que a dedicação à libertação e transformação das pessoas é caminho alto de vida e realização cristã. S. Daniel Comboni é um exemplo, reconhecido pela igreja do nosso tempo, mas felizmente temos outros.

Voltando então a Daniel Comboni, nesta perspectiva de fundo que mantém unidas Igreja, missão e santidade, podemos perguntar-nos que nos testemunha Daniel Comboni nesta luta, que nos ensina ele neste caminho de sequela de Cristo como luta pela libertação das pessoas privadas da sua liberdade e dignidade.

1.- Que lutar contra as escravaturas do nosso tempo não é uma questão de ideologia, mas de compromisso com as pessoas: devolver às pessoas o controle, a iniciativa sobre as suas vidas, a poder de as transformar de projecto em realidade.

Daniel Comboni foi educado num instituto, o Instituto Mazza, em Verona, que investia na educação dos jovens. D. Mazza, o sacerdote fundador do instituto, e Daniel Comboni com ele, acreditavam que a educação das pessoas era a chave para a sua transformação e para a transformação da sociedade. O seu ideal era uma educação fermentada pelo Evangelho, onde o Evangelho era fermento que tocava e potenciava todas as dimensões do saber e do fazer. Diante dos desafios do iluminismo, eles acreditavam que o Evangelho era força capaz de transformar pessoas e sociedades, tanto nos ambientes do norte da Itália, na segunda metade do século XIX, como nas fronteiras longínquas da missão na África.

Daniel Comboni entrou em contacto com a escravatura, pela primeira vez, durante a primeira expedição missionária à África, de 1857 a 1859. Ele haveria de organizar oito expedições à África Central. A segunda expedição foi toda ela uma acção concreta contra a escravatura. Foi a Aden, (1860-1861) no Golfo Pérsico, para trazer para Verona um grupo de jovens escravos libertados pelas autoridades inglesas numa operação quando estavam a ser traficados da África para a península arábica. O projecto era oferecer aos jovens escravos africanos libertados uma formação integral, formá-los como artesãos, para depois os devolver à África integrados nas expedições missionárias.

Vários grupos de jovens passaram pelo instituto em Verona. Mas os resultados não corresponderam as expectativas... os jovens tinham dificuldade em viver em Verona, em suportar o clima frio e ambientar-se no norte de Itália. Por isso, Comboni corrigirá a ideia do Instituto Mazza e fundará no Cairo os seus institutos, para preparar os africanos escravos libertados em ambiente mais favorável e integrá-los como artesãos, professores, enfermeiros nas posteriores expedições missionárias ao Sudão.

Por fim, no Sudão, em Malbes, perto da cidade de El Obeid, Comboni estabelece uma missão, nova de raiz, uma aldeia dedicada à educação dos escravos libertados e à transformação das pessoas pela educação, sobretudo técnica e profissional. Agricultores, artesãos, professores, enfermeiros, mostravam a novidade do Evangelho como força de libertação em acção, como instrumento que devolve à pessoa humana, seja qual for a sua origem cultural, a capacidade de se realizar, de tomar o destino da sua vida nas suas próprias mãos. Esta aldeia incarnava o ideal de Comboni da missão cristã como

“regeneração da África”, o seu empenho de “libertação dos africanos com os próprios africanos”. A aldeia foi destruída pela revolução fundamentalista islâmica do Madhi, que varreu o Sudão logo a seguir à morte de Daniel Comboni, em 1881. Esta revolução (de 1885 a 1898) pôs à prova o legado de Comboni e foi uma antecipação das correntes fundamentalistas islâmicas que ainda hoje percorrem o Sudão.

Ao percorrermos a vida de Daniel Comboni e as suas iniciativas de combate à escravatura vemos que esse combate, para ele, antes de ser uma questão ideológica, de ideias ou doutrina, era uma questão de vida, decorria do encontro com as pessoas, do fazer aliança com elas, do seu ideal de fazer “causa comum” com os africanos, ideal inspirado no evangelho de Jesus e orientador da sua acção missionária.

2.- Que, na luta pela libertação das pessoas, não é suficiente cuidar das vítimas, é necessário também atacar as causas das escravaturas, denunciar os seus agentes.

A escravatura tinha sido declarada ilegal, nos Estados Unidos, com o fim da guerra de secessão, em 1865. Em Portugal era abolida em 1869. A Inglaterra tinha-a abolida antes (em 1845) teoricamente em todo o seu império. O Papa Gregório XVI, por seu lado, já tinha tomado posição contra a escravatura a 3 de Dezembro de 1839.

Mas a escravatura e o comércio de escravos em África não tinham acabado com as declarações. Daniel Comboni encontrou-os florescente no Sudão, em Cartum e a sul, no país dos negros dominados pelos árabes e muçulmanos do norte. Ele tomou sobre si a tarefa da denúncia e da condenação do tráfico, nas suas homilias e nas suas cartas e relatórios que elaborava periodicamente para enviar a Roma, à Congregação para a Evangelização dos Povos.

Alem disso, durante as suas viagens e nos seus contactos com ambientes diplomáticos e governativos, em Roma, em Viena, em Paris, Daniel Comboni sensibilizou governos e personalidades para a necessidade de implementar a proibição da escravatura na África central. Esta acção de conscientização sobre o estado das coisas no terreno, implicou para Comboni a denúncia de pessoas e a condenação da passividade e do silêncio dos governos.

No terreno, Daniel Comboni elaborou orientações para os seus missionários no combate à escravatura, nas quais exigia aos seus missionários firmeza em relação às autoridades locais, que deveriam eliminar o tráfico, mas por interesses imediatos, atrasavam decisões e permitiam a continuação mais ou menos encoberta do tráfico de escravos. O comércio de escravos continuava a florescer nas regiões do Sudão do sul, por obra e mão de líderes muçulmanos locais, com a cumplicidade das autoridades coloniais.

As cartas e os relatórios de Daniel Comboni, aos seus superiores em Roma, e aos seus apoiantes da sociedade de Colónia, na Alemanha, aos seus benfeitores em Verona, estão cheios desta denúncia que procura identificar as causas da continuação da escravatura, os seus promotores e beneficiários.

3.- Que, para um cristão, lutar contra as escravaturas não é simplesmente uma questão de acção: é sobretudo uma questão de doação, de entrega pessoal e de doação daquilo que mais precioso o cristão tem, os dons da sua fé cristã.

Daniel Comboni pedia aos seus missionários esta capacidade de doação pessoal, de entrega, que se manifesta em acreditar no outro e nas suas capacidades, em fazer dele

objecto do próprio amor e da própria entrega; em acreditar na dignidade das pessoas reduzidas à escravidão, dignidade de filhos e filhas de Deus – uma dignidade que não era fácil descobrir e reconhecer nos rostos dos africanos marginalizados, dos escravos vendidos e explorados.

Descobrir essa dignidade, não desistir dela, fossem quais fossem as histórias por detrás dos rostos escravizados, como Deus não desiste, era a atitude que exigia uma entrega, motivada pelo amor reconhecido no Coração aberto de Cristo e oferecido aos africanos, de modo especial aos escravos foragidos de seus donos, exaustos, recolhidos na missão de El Obeid e Cartum como espaços, oásis de liberdade e dignidade.

O que regenerava a alma dos escravos era esta doação e este acolhimento, que abriam aos escravos horizontes novos de vida. Daniel Comboni foi longe nesta doação e partilha com os escravos. Num tempo em que se duvidava se os escravos tinham alma, ele afirmava a sua dignidade, orgulhava-se de os baptizar e inserir na Igreja, de os educar e iniciar nos caminhos da transformação cultural e social. Ele orgulhava-se de ser escravo libertado o primeiro sacerdote que ele ordenou no seu vicariato de Cartum, Daniel Sorur de nome, num tempo em que ainda estava longe a constituição de clero local africano em muitas dioceses já estabelecidas.

4.- Que a luta contra as escravaturas e o tráfico de pessoas não é uma questão de acção, com resultados e satisfações imediatos, mas mais bem um processo de tempos longos e resultados incertos, que põe à prova a resistência e a esperança dos cristãos.

Daniel Comboni constatou como estava enraizada a prática da escravatura no Sudão e quão difícil era o combate contra ela; como as declarações da abolição da escravatura eram letra morta na África; como os mercados de escravos em El Obeid, no Cordofan e nas Montanhas Nuba continuavam activos. Nas suas cartas e relatórios ele descreve esta situação entranhada numa cultura árabe e muçulmana que dificilmente renunciará à escravatura (O Sudão só aboliu legalmente a escravatura em 1950 e a Arábia Saudita em 1962). Ele, por isso, pede aos seus missionários que incluam o combate à escravatura como objectivo da sua presença e acção missionária, mas fundamentem esta acção numa espiritualidade que aceita o sacrifício da própria vida, tempos longos, e constância... espiritualidade só compensada pela certeza que o campo das mais belas esperanças, para o missionário, se encontrava entre os escravos libertados, certamente mais disponíveis para acolher a boa nova da libertação do Evangelho de Jesus do que os muçulmanos que os mantinham escravos.

Para terminar, em linha com esta perspectiva de processo, dos tempos longos, mas também cheia de esperança, gostaria de lembrar que, além de S. Daniel Comboni, o Papa João Paulo II canonizou no ano 2000 uma irmã canossiana africana, Santa Bakhita, ela mesma uma escrava libertada, nascida no Darfur, numa aldeia perto de Nyala, e que haveria de vir para o norte Itália onde se tornou muito popular. A sua canonização (2000) mostra que o caminho da escravatura pode ser também etapa do longo caminho de sequela cristã, que nos tortuosos meandros dos tráficos humanos Deus escreve também direito, acontecem histórias de beleza e de plenitude humana e cristã e que Cristo percorre esses caminhos antes de nós, na pele dos nossos irmãos e irmãs que são privados da sua liberdade e dignidade.

